

## A categoria de voz em Tupí<sup>1</sup>

Aryon Dall'Igna Rodrigues

As categorias gramaticais que conhecemos nas modernas línguas indo-europeias nem sempre correspondem às que poderemos encontrar em línguas de outras famílias. Certas categorias que para nós parecem imprescindíveis, como, v. g., as de gênero e de número, ou, mais ainda, a de tempo, não se encontram em muitas línguas; por outro lado, ocorrem frequentemente categorias que desconhecemos e das quais jamais sentimos necessidade. O fato, porém, de cada língua possuir ou não determinada categoria, não indica, absolutamente, que seja esta língua mais ou menos rica. Dizemos que em tal língua existe uma categoria gramatical, quando ela *se manifesta* por um morfema qualquer; se não é acusada por nenhum elemento gramatical, a categoria não existe. Isso se dá no português, p. ex., com relação à categoria de *aspecto* (que é a *maneira* por que se apresenta a ação indicada pelo verbo, independentemente da noção de *tempo*). Entretanto, a noção correspondente não deixa de existir, e se revela sob formas diversas, quando se faz mister, embora independente de um sistema mórfico determinado; assim temos três verbos distintos exprimindo três aspectos de uma mesma ação: *partir, andar, chegar*

---

1. Servimo-nos da designação *voz ativa* para distinguir as formas que denotam simplesmente que o sujeito é o agente, sem fazer alusão a quaisquer outros acidentes, exclusivamente em atenção à tradição gramatical, uma vez que todas as demais vozes que encontramos em Tupí são também ativas, pois que nelas todas o sujeito é agente. Também a designação *voz média* é empregada somente por analogia à gramática indo-europeia. A grafia que aqui empregamos para as palavras tupís pouco difere da que é usada na Cadeira de Etnografia e Língua Tupí-Guaraní da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Paulo. *Y* é a vogal velar, não arredondada, característica do Tupí-Guaraní; *j* é *i* semi-consoante (*i* em *ioiô*); *mb, nde, ng.* oclusivas sonoras, labial, dental e velar, nasalizadas; *s,* fricativa dental surda (*ç*); *x* fricativa palatal surda (*ch*); *ñ,* naso-palatal (*nh*).

(aspectos *inceptivo*, *durativo* e *terminativo*, respectivamente). Existindo a noção, a categoria está, por assim dizer, latente, e pode vir a se manifestar por meio de determinados morfemas em cada fase da evolução da língua. Igualmente, desaparecendo por qualquer motivo os morfemas especializados, pode a categoria gramatical desaparecer; e isso não significará, de modo algum, que a língua tenha sofrido um retrocesso. Esse é o caso do inglês moderno, onde, em virtude da queda das terminações, ocasionada por um fator fonético, desapareceu praticamente a categoria de gênero, exclusivamente gramatical no velho inglês. No sentir de alguns linguistas, isso constituiu grande progresso linguístico, uma vez que a categoria gramatical cedeu à categoria nocional (de sexo), muito mais própria da mentalidade europeia moderna.

A categoria de voz, que em português conhecemos por apenas três modalidades manifestas morficamente (*ativa*, *passiva* e *reflexiva*), pode em outras línguas apresentar-se sob modalidades novas, determinadas por morfemas especializados, na conjugação verbal. Não necessário irmos muito longe para exemplificar isso: o grego clássico nos apresenta a voz *média*, que, se às vezes tem o mesmo valor da nossa voz reflexiva, representa ainda dois outros valores – a *média dinâmica* (*hépomai* = lat. *sequor*) e a *média recíproca* (*máchontai* = lat. *luctantur*).

A voz é, na definição de Marouzeau, “um aspect du verbe, défini par le rôle qu’on attribue au sujet, suivant qu’il accomplit l’action (actif), qu’il la subit (passif), qu’il y est intéressé d’une certaine manière (moyen), etc.” (*Lexique de la Terminologie Linguistique*, 2ª ed., Paris, 1943). Alguns autores dilatam mais o conceito de voz, relacionando-o a outros seres interessados no processo verbal, além do sujeito; esses outros seres são os complementos (objetos, adjunto causa eficiente, etc.).

No Tupí antigo, que é a língua que foi falada, nos séculos XVI, XVII e XVIII, pela tribos Tupí-Guaraní que habitavam no litoral brasileiro, do Rio de Janeiro para o Norte (Tupí, Tupinambá, Tupiniquim, Tobajara, Tamoio, Maracajá, Caeté, Temiminó, Pitiguara, etc.), e da qual nos deixaram gramáticas os missionários jesuítas José de Anchieta e Luís de Figueira, distinguimos sete vozes sistematizadas no processo de conjugação verbal.

Em primeiro lugar cumpre assinalar a voz ativa, em que o sujeito é simplesmente agente da ação indicada pelo verbo. Esta voz caracteriza-se pela ausência de morfema especial (morfema zero). Consiste na forma simples do verbo, conjugada com os pronomes, com os determinantes de aspectos e com os complementos diversos. Exs.: *a-jukâambarakajá*, “eu matei um maracajá”, onde *a* é o sujeito, *jukáo* tema verbal, *mbarakajáo* objeto direto, paciente; *a-s-epiák*, “eu o vi” (*s-*, objeto direto, “ele, o”; *epiák*, tema verbal); *ja-kér*, “nós todos dormimos”; *Pedro o-i-potár xe kisé*, “Pedro ele a quer minha faca”, i. é,

“Pedro quer minha faca” (o, pronome sujeito; i, objeto direto pleonástico; *xekisé*, objeto direto); etc.

À voz ativa pertencem tanto verbos *transitivos* (*a-jukámbarakajá*), como *intransitivos* (*a-kér*).

Na voz *causativa* o sujeito faz outrem praticar a ação, em vez de ele mesmo praticá-la. Há, por conseguinte, dois agentes: um imediato, que pratica a ação (*Untersubjekt* dos gramáticos alemães) outro mediato, que faz aquele praticá-la, e que é o sujeito (*Obersubjekt*). Em português é obtida por meio do auxiliar fazer: *fazer estudar*, *fazer comprar*, etc. Um exemplo da voz causativa, com morfema especial, temos em latim: *sto*, “estou em pé”; *si-sto*, “faço estar em pé”. Em Tupí há três tipos de voz causativa: *causativo-comitativa*, *causativo prepositivo* e *causativa propriamente dita*. A voz *causativa propriamente dita* é formada sobre os verbos *intransitivos*, por meio do morfema *mo-*, *mbo-*, prefixo: ativo *ín*, “estar”: causativo *mo-ín*, “fazer estar, por”; at. *jebyr*, “voltar”: caus. *mo-jebyr*, “fazer voltar”; at. *úr*, “vir”: caus. *mbo-úr*, fazer vir, fazer com que venha”; at. *iké*, “entrar”: caus. *mo-ingé* (por *mō-iké*), “fazer entrar, introduzir”; at. *puám*, “levantar-se”: caus. *mo-puám*, “levantar (fazer levantar-se)”; at. *sém*, “sair”: caus. *mo-sém*, “fazer sair, expulsar ou expelir”; etc. Exs.: *a-i-mo-ndó Pedro*, “eu o fiz ir Pedro”, i. é, “fiz Pedro ir, enviei Pedro”, *a-i-mo-sém pajé xe-rókasuí*, “eu o fiz sair o pajé minha casa de”, i. é, “expulsei o pajé de minha casa”.

O verbo intransitivo na voz causativa passa a ser transitivo.

Na voz *causativo-prepositiva*, formada sobre os verbos transitivos, por meio do sufixo *-ukár*, o sujeito faz com que alguém pratique a ação sobre outrem: *a-i-kotúk-ukár*, “fiz com que alguém o ferisse, ou com que o ferissem”. Na voz causativa propriamente dita, formada com o prefixo *mo-*, *mbo-*, há apenas dois seres interessados no processo verbal, enquanto que na causativo-prepositiva são três os seres interessados: o agente mediato, o agente imediato e o objeto. O agente imediato, que é um preposto do sujeito, é regido pela posposição *supé*: *a-juká-ukár jagwára Pedro supé*, “fiz com que Pedro matasse uma onça” (“matei uma onça, servindo-me de Pedro”), *a-i-moñáng-ukár’ Pedro supé*, “faço com que Pedro o faça”, “faço com que Pedro faça isso”.

A causativo-prepositiva pode ser construída sobre um verbo já causativo, porquanto este é transitivo: *a-i-mo-ndó-ukár*, “faço que alguém o faça ir”, “faço que alguém o envie” (causativo simples: *a-i-mo-ndó*, “faço-o ir por mim mesmo”, “envio-o eu mesmo”).

Na voz *causativo-comitativa* o sujeito faz outrem exercer a ação, praticando-a ele também; portanto, o sujeito e o complemento praticam a ação conjuntamente, em companhia, sendo ambos agentes imediatos. É esta voz denunciada pelo morfema *ro*, prefixo: at. *puám*, “levanta-se: caus.-com. *ro-*

-*puám*, “fazer levantar-se consigo”; at. *manó*, “morrer”: caus.-com. *ro-manó*, “fazer morrer consigo”; at. *ikó*, “estar”: caus. *mo-ingó* (por *mō-ikó*), “fazer estar, por”: caus.-com. *rekó* (por *ro-ikó*), “fazer estar consigo, ter”; at. *só*, “ir”: caus. *mo-ndó* (por *mō-só*), “fazer ir, enviar”: caus.-com. *ra-só* (por *ro-só*), “fazer ir consigo, levar”; at. *úr*, “vir”: caus. *mbo-úr*, “fazer vir”: caus.-com. *r-úr* (por *ro-úr*), “fazer vir consigo, trazer”; etc. Exs: *a-ro-kér xe ray’ra*, “eu faço dormir comigo o meu filho”, ou, na tradução de Anchieta, “durmo eu, e meu filho também dorme”; *pe-r-úr pe mbaé*, “vós fizestes vir convosco as vossas coisas”, i. é, “trouxestes as vossas coisas”.

Na voz *média* o sujeito é especialmente interessado na ação. No Tupí temos três modalidades de média: *média reflexiva*, *média recíproca* e *média propriamente dita*. A voz *média reflexiva* é aquela em que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo, sendo, simultaneamente, agente e paciente, como no lat. *lauor* = port. *lavome*. Esta voz é formada pelo morfema *je-*, *ñe-* prefixado ao tema verbal: at. *juká*, “matar”: reflexivo *je-juká*, “matar-se, suicidar-se”; at. *kotúk*, “ferir”: refl. *je-kotúk*, “ferir-se”; at. *sók*, “picar”: refl. *je-sók*, “picar-se”; at. *moapuã*, “tornar redondo”: refl. *ñe-moapuã*, “tornar-se redondo”; etc.

Na voz *média recíproca* os sujeitos (plural) praticam a ação uns sobre os outros, mutuamente. É o caso do port. *desafiar-se* ou do lat. *luctari*, gr. *Má-chesthai*. O morfema da voz média recíproca é *jo-*, *ño-*, prefixado ao tema verbal justamente como *je-*, *ñe-* da voz reflexiva: at. *juká*, “matar”: recíproco *jo-juká*, “mataram-se mutuamente”; at. *kotúk*, “ferir”: rec. *jo-kotúk*, “feriram-se mutuamente”; at. *sók*, “picar”: rec. *jo-sók*, “picaram-se uns aos outros”; at. *nupã*, “açoutar”: rec. *ño-nupã*, “açoutaram-se reciprocamente”; etc. Exs.: refl. *pe-je-kotúk*, “vós vos feris (cada um a si mesmo)”; rec. *pe-jo-kotúk*, “vós vos feris reciprocamente”; refl. *tapyy’ja o-je-juká*, “os índios suicidaram-se”; rec. *tapyy’jao-jo-juká*, os “índios mataram-se uns aos outros”; refl. *oró-ñe-nupã*, “nós outro nos açoutamos (cada um a si mesmo)” rec. *oró-ño-nupã*, “nós outros nos açoutamos (uns aos outros)”; etc.

A voz *média propriamente dita* é aquela em que o sujeito pratica a ação para si, em seu benefício. É a média do grego e sânscrito *thyetai*, “ele sacrifica para si”. Em Tupí esta voz é indicada pelo mesmo morfema *jo-*, *ño-*, agora, porém, prefixado não ao tema verbal, mas à posposição que a este convier, ficando como que infixado entre esta e o pronome pessoal regido. Assim: *a-i-monhyrō Tupãxe-jo-upé*, “aplaco a Deus para mim”; *ndé e-i-monhyrō Tupã nde-jo-upé*, “aplaca tu a Deus para ti”, lit. “tu tu o aplaca, Deus tu-mesmo-para”; *aTupã mongetáxe-jo-esé*, “eu rogo a Deus por mim”; *Pedro t-o-i-mongetá o-jo-esé*, “Pedro rogue-lhe por si”, lit. “Pedro que ele lhe rogue ele-mesmo-por”. Compare-se uma oração na voz ativa: *e-i-monhyrō Tupãixébe*, “(tu) aplaca a Deus para mim”, ou *a-i-monhyrō Tupã ndébe*, “aplaco a Deus para ti” (*ixébe* e *ndébe*, dativos de *ixé*, “eu”, e *ndé*, “tu”).

Com o emprego simultâneo do prefixo *je-*, *ñe-* da voz reflexiva e do sufixo *-ukárda* causativo-prepositiva, é obtida ainda uma forma *causativo-reflexiva*, indicando que o sujeito faz com que alguém pratique a ação sobre ele mesmo: *a-je-juká-ukár Pedro supé*, “faço com que Pedro me mate” (“mato-me servindo-me de Pedro”); *a-je-apín-ukár xe rúba supé*, fiz-me tosquiar por meu pai”, “fiz que meu pai me tosquiasse”; *o-ñe-nupã-ukár osy’ supé*, “fiz com que sua mãe o surrasse”, “fez-se surrar por sua mãe”.